

EPISODIO DEZ

NM/ON: Toda canção conta uma história. E essas 101 canções contam a história de um século do sentimento brasileiro. E de todos nós.

CABEÇA

NM/ON: Inspiração para casamentos e revoluções, para encontros e separações, trilha sonora da política e da crônica social, na alegria e na tristeza, a canção é um documento da identidade nacional. Ao longo de um século da nossa história, quando uma música tocou muito no rádio, na televisão, nas ruas e nas casas, tocou o coração do Brasil e se tornou a memória do sentimento coletivo que eternizou canções como

O AMANHÃ, JOSÉ SÉRGIO E DIDI, 1978

Na época em que a União da Ilha apresentou seu samba-enredo para o carnaval de 1978, o gênero já vivia sob o ataque de críticos, que reclamavam da descaracterização, do ritmo acelerado e da vulgaridade dos refrões levanta-povo.

“O amanhã”, porém, mostrou que o samba havia mudado para atingir um de seus pontos mais altos. Não só nos desfiles e muito além daquele carnaval. Defendido na avenida por Aroldo Melodia e gravado também por Elizeth Cardoso, o samba estourou como uma bomba de efeito retardado. Quatro anos depois, na versão definitiva de Simone, o Amanhã se converteu num dos maiores sucessos da cantora, trazendo a resposta para as questões que o samba carrega em sua letra, carregada de misticismo e de expectativas para o futuro.

Quiseram os deuses da música que o advogado e procurador Gustavo Adolfo de Carvalho Baeta Neves fosse reconhecido, tardiamente, como um dos grandes compositores do samba de enredo. Atendendo à pressão familiar, se escondia atrás do pseudônimo Didi e chegou a abrir mão da autoria de alguns de sambas, entre eles o Amanhã. Mas seu crédito naquela obra prima foi restaurado pelo livro “Samba de enredo, história e arte” de Luiz Antônio Simas e Alberto Mussa, sobrinho do compositor.

Até morrer de cirrose, aos 52 anos, o doutor da folia venceu 24 disputas em escolas e blocos, sendo 16 na União da Ilha, quatro no Salgueiro e quatro no Bloco do Boi da Freguesia. Em 1991, foi homenageado pela escola do coração com o enredo “De bar em bar, Didi um poeta”

Além de “O amanhã”, foi autor de outro grande sucesso que transbordou às margens da avenida, atravessou o mar e ancorou na galeria das grandes canções da música brasileira. Popularizado por versões de Caetano Veloso e Fernanda Abreu, seu samba “É hoje” se tornou um clássico da música da alegria.

NELSON (V) Depois de ativa militância política com canções de crítica e resistência, depois de dezenas de músicas proibidas pela censura, refletindo as mudanças do Brasil, ele explodiu os corações do Brasil com suas canções românticas viscerais.

EXPLODE CORAÇÃO, GONZAGUINHA, 1979

Ao despontar no fim dos anos 1960, Luiz Gonzaga Júnior tinha toda a pinta de bad boy. Magrela, barbudo e inflamado, era, ao lado de Ivan Lins e Aldir Blanc, um dos pontas de lança do Movimento Artístico Universitário, carrancudo até no nome, MAU. Mas, quando morreu num acidente de carro, em 1991, aos 45 anos, já era identificado pelo apelido carinhoso de Gonzaguinha, pelo seu caráter doce e amoroso e pelas mais de duas dezenas de sucessos, amplificados pelas vozes de Maria Bethânia, Elis Regina, Nana Caymmi, Marlene, Simone, Zizi Possi, Frenéticas, Fagner e Joana.

Síntese da veia poética e da emoção visceral do compositor, Explode Coração foi lançado em 1978 por Bethânia e se tornou um dos clássicos românticos da música brasileira. Nascendo, rompendo, chorando, sorrindo e gritando, o carioca Gonzaguinha encontrou na música a melhor forma de se aproximar do pai, o Rei do Baião, Luiz Gonzaga, com quem teve uma relação marcada por admiração mútua e conflitos intensos.

Ainda estudante de economia, Gonzaguinha soltou a voz no Primeiro Festival de Música Universitária, em 1968, chegando às finais com a música “Pobreza por pobreza”. Na edição do ano seguinte, foi o vencedor com “O trem”, de harmonia audaciosa e letra contundente e sarcástica. Marcado pelo estilo denúncia-social e pela sistemática perseguição da Censura, chegou a ser identificado como cantor rancor na primeira fase da carreira.

Em 1976, a virada estava expressa no título de seu quarto álbum: Começaria tudo outra vez. Os boleros românticos, que ouviu na infância,

começaram a ganhar espaço no seu repertório junto com canções melodiosas de alta voltagem emocional. No lugar dos censores, agora, quem vivia atrás de Gonzaguinha eram os grandes intérpretes da MPB.

“Explode coração” foi lançada por Bethânia no álbum *Álibi*, o primeiro de uma cantora brasileira a ultrapassar a marca de um milhão de cópias, explodindo corações em todo o país.

NELSON (V) De Simone e Bethânia para Gal Costa, a bola estava com as cantoras baianas naquele ano de grandes discos e megasucessos. Com duas flores e uma ideia na cabeça, Gal transformou a versão cantada do choro de Jacob do Bandolim num sucesso de crítica e público.

NOITES CARIOCAS, JACOB DO BANDOLIM E HERMÍNIO BELO DE CARVALHO, 1979

Composto e lançado como um choro instrumental por Jacob do Bandolim, “Noites cariocas” ganhou versos de Hermínio Bello de Carvalho, em 1978, nove anos depois da morte de Jacob. Apesar da resistência às parcerias póstumas dos que vêm os versos como uma agressão à integridade do choro, música e a letra celebraram um casamento perfeito, sob as bênçãos de Gal Costa.

Foi ela que pediu a Hermínio uma letra para a canção, que lançaria em seu show *Gal Tropical* e incluiria no disco do mesmo nome, um sucesso que atravessa os tempos com a cor e o perfume da melhor música brasileira. Na primeira gravação, a música tinha um subtítulo “Minhas noites sem sono” que acabou sendo deixado de lado. “Noites cariocas” já dizia tudo.

Como muitos choros cantados, esse exige alta precisão vocal dos grandes intérpretes, capazes de dirigir a voz com controle e segurança pelos desvios e curvas criados pelos muitos acidentes melódicos e rítmicos de um gênero basicamente instrumental, às vezes em andamento vertiginoso. No auge de sua técnica, Gal deu show, chamando atenção nas rádios para um gênero que vivia sua renascença. Logo depois, Áurea Martins e Ademilde Fonseca, a rainha do chorinho na era do rádio, também cantaram e dançaram no balanço suave das Noites cariocas.

Instrumentista rigoroso, Jacob do Bandolim se dividia entre a música e outras atividades profissionais para ficar livre das pressões estéticas do

mercado. Mesmo consagrado como um dos mestres do choro, ainda trabalhava como escrivão da polícia quando morreu, em 1966. Poeta, escritor e produtor cultural, o carioca Hermínio foi grande amigo e conhecedor da obra de Jacob, se tornando um especialista na difícil arte de criar letras sobre as composições do mestre que fazia o bandolim chorar de felicidade.

NELSON (V) Depois de grandes mobilizações por todo o país, finalmente o general-presidente, João Figueiredo assinou a Lei da Anistia e ampliou as liberdades políticas. Mas, dois meses antes, uma canção de inspiração premonitória, foi lançada por Elis Regina e se tornou para a sempre o "hino da anistia".

Hino que festejou a volta de presos e exilados, "O bêbado e o equilibrista" celebrou também a excelência atingida pela dupla João Bosco e Aldir Blanc. No início de 1978, ainda abalado pela morte de Charles Chaplin no Natal anterior, João Bosco mostrou ao parceiro a composição em que vinha trabalhando, com citações à melodia nostálgica de Smile, tema mais emblemático do humorista e do seu personagem Carlitos.

Mais que uma homenagem, Aldir sugeriu que a música fosse uma crônica chapliniana da desgraça nacional. Partindo da estrutura dos sambas-enredo, trocando o tom épico pelo lirismo, construíram um quadro do sufoco vivido pelos brasileiros, com mensagens de esperança e resistência.

Típico da ironia amarga de Aldir, o verso de abertura, o incompreensível "Caía a tarde feito um viaduto" (na verdade inspirado pela dramática queda do viaduto da Paulo de Frontin, no Rio, que matou 29 pessoas) anunciava o clima daqueles anos de sufoco. Com imagens sombrias e a necessidade de sorrir novamente, a música também mistura personagens simbólicos e figuras reais, mas quase anônimas até então. O citado "irmão do Henfil" era o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, que voltaria meses depois para se tornar um símbolo da redemocratização. O verso "choram Marias e Clarices faz referência às viúvas do operário Manoel Fiel Filho e do jornalista Vladimir Herzog, ambos assinados pela ditadura.

Com a volta dos exilados, “O bêbado e o equilibrista” se tornou um hit de aeroporto, cantada aos gritos, enquanto os anistiados eram carregados em triunfo por seus companheiros.

NELSON (V) A saudade e o desejo de abraçar quem está longe davam o tom de um samba vigoroso e empolgante que realizou o sonho de sua autora de ser a primeira mulher numa ala de compositores de escola de samba.

SONHO MEU, IVONE LARA E DÉLCIO CARVALHO, 1979

É uma história que tem algo de sonho, como conta Maria Bethânia. Mas aconteceu. Em 1978, garimpando repertório para seu novo disco, conheceu Dona Ivone Lara na casa da violonista Rosinha de Valença, em Copacabana. Na saída, já caminhando para a porta, depois de ter mostrado alguns de seus sambas, dona Ivone cantarolou uma pequena melodia que fez Bethânia pedir mais.

O problema é que só havia os versos do refrão: sonho meu, sonho meu, vai buscar quem mora longe”. Faltava, exatamente, o resto da música inteira. No mesmo dia, Dona Ivone ligou para o parceiro Délcio Carvalho e o chamou para completar o samba. Gravado semanas depois, em dueto com Gal Costa “Sonho meu” se materializou num grande sucesso e logo caiu na boca do povo.

Além da mensagem romântica e apaixonada, o samba reforçava o coro pela volta dos exilados, que só seria possível com a promulgação da lei da Anistia em agosto de 1979. Em sintonia com o momento nacional, a música celebrava a reconciliação de Dona Ivone com sua maior vocação. Primeira mulher a ser aceita na ala de compositores do Império Serrano, a matriarca aproveitou o sucesso para gravar seu primeiro disco solo.

Enquanto esperava a realização do seu sonho, Dona Ivone trabalhou como enfermeira na equipe da doutora Nise da Silveira, pioneira no uso da arte no tratamento psiquiátrico.

NELSON (V) Enquanto o Brasil sonhava com a anistia e com reencontros, um jovem casal apaixonado transformou em música e letra as alegrias e prazeres de um grande encontro amoroso.

MANIA DE VOCÊ, RITA LEE E ROBERTO DE CARVALHO, 1979

Em qualquer enciclopédia da música popular brasileira, a paulistana Rita Lee Jones ocupa vários verbetes, atravessando diferentes períodos da história. Integrando os Mutantes, fez parte da criação transgressora e coletiva do Tropicalismo, participando dos festivais e do álbum Tropicália, com Caetano, Gil, Tom Zé, Nara Leão e o maestro Duprat.

Ainda no trio com os irmãos Arnaldo Baptista e Sérgio Dias, fez, no fim dos anos 1960, os discos fundadores do rock genuinamente brasileiro, que décadas depois seriam cultuados por artista e grupos anglo-americanos, como David Byrne e Kurt Cobain.

Ser expulsa dos Mutantes em meados dos anos 1970 foi o que de melhor poderia ter acontecido a Rita, que iniciou fulgurante carreira solo com o seu grupo Tutti Frutti e virou o grande nome do rock no Brasil. No fim da década, se reinventou outra vez, produzindo, em parceria com o marido Roberto de Carvalho, uma original mescla de rock, pop, bolero, marchinha, disco music e bossa nova unindo sofisticação e sabor popular.

Vivendo um casamento musical de grande fertilidade, a popstar pioneira deu à luz grandes sucessos como “Lança perfume”, “Caso sério”, “Desculpa o auê” e muitos outros.

Lançada em 1979, “Mania de você” é o ponto alto da simbiose da dupla que fazia música na cama e amor no estúdio. No songbook de Almir Chediak, Rita conta que a música surgiu após mais uma transa do casal. Molhados de suor, Roberto sacou o violão e Rita, o seu caderninho, e chegaram lá mais uma vez. O desejo de um pelo outro era o mesmo que o Brasil sentia para dançar e rolar com mais um sucesso da dupla. Celebrando o amor e a alegria, entre Cole Porter e Lamartine Babo, a música brasileira e cosmopolita de Rita e Roberto virou mania nacional.

NELSON (V) Com sua voz rascante e ritmos nordestinos eletrificados, Zé Ramalho construiu uma canção sarcástica e contundente sobre a passividade de pessoas transformadas em manada.

ADMIRÁVEL GADO NOVO, ZÉ RAMALHO

Literatura de cordel, ficção científica, o rock dos Beatles e dos Stones, o folk elétrico de Dylan, o iê-iê-iê da Jovem Guarda e o baião de Luiz Gonzaga. Nesse caldeirão de referências, Zé Ramalho forjou seu estilo, ganhando lugar na música brasileira também como um vigoroso cantor, de voz grave, rascante, fora dos padrões da época e reconhecível às primeiras notas.

Paraibano de Brajo da Cruz, começou em 1975, lançando em parceria com Lula Côrtes, o psicodélico Paêribu, sem nenhuma repercussão à época, mas que se tornaria um dos discos mais procurados por colecionadores de vinil no mundo todo.

Zé também se tornou conhecido pelas letras barrocas e delirantes que dialogam com a simplicidade dos grandes repentistas, como em “Avohai”, “Frevo mulher” e “Vila do sossego”. Mas o melhor exemplo da força, audácia e personalidade do seu estilo é “Admirável gado novo”. Entre o cordel e o manifesto político, a letra de protesto questiona e provoca a passividade da massa manipulada pelo poder, numa paródia tropical da distopia criada pelo Aldous Huxley no livro Admirável mundo novo.

Destaque de A Peleja do Diabo com o Dono do Céu, segundo disco solo de Zé Ramalho, lançado em 1979, “Admirável gado novo” teve um segundo surto de popularidade quase duas décadas depois. Enquanto a gravação original reapareceu na trilha da novela Rei do Gado, a versão pesada de Cassia Eller explodiu nas rádios, universalizando e dando vida nova à canção.

NELSON (V) Integrando jazz e MPB com suas raízes nordestinas, Djavan surgiu como um estilo unico na cena musical, combinando melodias elaboradas com letras de grande originalidade.

MEU BEM QUERER, DJAVAN, 1980

Terceiro disco solo de Djavan, Alumbramento anuncia a explosão luminosa de sua carreira, depois de longa estrada sob a penumbra dos

bares, boates e da incerteza. No fim dos anos 1970, já reconhecido como um cantor e compositor completo, alguns críticos ainda não alcançavam suas letras de sonoridade e imagens surpreendentes.

Nesse período, por sugestão da gravadora que não entendia seu estilo sonoro de fazer letras, Djavan trabalhou com letristas consagrados como Aldir Blanc, Paulo Emílio, Cacaso e Chico Buarque. Mas, foi uma das três canções escritas por ele que alavancaram as vendas do novo disco, consolidando de vez a marca autoral de Djavan e dispensando letristas.

Com belo arranjo de Wagner Tiso, a balada “Meu bem querer” entrou na trilha da novela Coração Alado e não saiu mais da programação das rádios e da televisão. Foi regravada para a novela “A indomada”, em 1997, e ainda emprestou seu nome à novela “Meu bem querer”, de 1999.

Mais pedida na nas sessões do vale à pena ouvir de novo, virou número obrigatório nas apresentações de Djavan e no repertório dos cantores da noite por todo o país. No seu depoimento para a posteridade, no Museu da Imagem e do Som, Djavan revelou que “Meu bem querer” é uma de suas cinco canções favoritas, ao lado de “Flor de lis”, “Fato consumado”, “Oceano” e “Lilás”. Com melodia densa e sinuosa, “Meu bem querer” ganhou belas interpretações de Zizi Possi, Simone, Nana Caymmi e Boca Livre.

ENCERRAMENTO

NM/ON: Na verdade, não existem as melhores canções, as mais bonitas ou as mais importantes, essas 101 que tocaram o coração do Brasil representam a qualidade e a diversidade de gênios e de gêneros na música brasileira, que fizeram delas a trilha sonora de nossa história. No próximo episódio, canções que tocaram o Brasil na alegria e na tristeza, que provocaram fortes emoções na virada dos anos 80, com grandes canções de amor e de luto.

